



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

FERNANDO MATHEUS PEREIRA DE MELO

**DESVALORIZAÇÃO DO REAL: O REFLEXO DAS POLÍTICAS MONETÁRIAS NO
CONSUMO DOS BRASILEIROS**

**CAMPINA GRANDE
2020**

FERNANDO MATHEUS PEREIRA DE MELO

**DESVALORIZAÇÃO DO REAL: O REFLEXO DAS POLÍTICAS MONETÁRIAS NO
CONSUMO DOS BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Administração.

Área de concentração: Economia.

Orientador: Prof^a. Ma. Kaline Di Pace Nunes.

**CAMPINA GRANDE
2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528d Melo, Fernando Matheus Pereira de.

Desvalorização do real [manuscrito] :

o

reflexo das políticas monetárias no consumo dos brasileiros /
Fernando Matheus Pereira de Melo. - 2020.

18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Administração) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas , 2020.

"Orientação : Profa. Ma. Kaline Di Pace Nunes ,
Coordenação do Curso de Administração - CCSA."

1. Moeda brasileira. 2. Inflação. 3. Consumo dos
brasileiros. 4. Desvalorização da moeda. 5. Política
monetária. 6. Real. I. Título

21. ed. CDD 330.981

FERNANDO MATHEUS PEREIRA DE MELO

DESVALORIZAÇÃO DO REAL: O REFLEXO DAS POLÍTICAS MONETÁRIAS NO
CONSUMO DOS BRASILEIROS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Administração da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em
Administração.

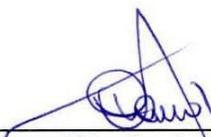
Área de concentração: Economia.

Aprovada em: 02/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Kaline Di Pace Nunes

Prof^a. Ma. Kaline Di Pace Nunes (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Cláudio de Oliveira Leôncio Pinheiro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Lucinei Cavalcanti

Prof. Me. Lucinei Cavalcanti
Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU)

Aos meus pais que me ensinaram a ser um
homem correto e a minha noiva por seu
amor, DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	A MOEDA COMO MEIO DE TROCA	07
2.1	Monopólio estatal da moeda	07
2.2	Real, a moeda Brasileira	08
2.3	Consequências da inflação ao consumidor brasileiro	08
3	METODOLOGIA	10
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	10
4.1	Expansão monetária	11
4.2	Efeitos da inflação	12
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
	REFERÊNCIAS	14

DESVALORIZAÇÃO DO REAL: O REFLEXO DAS POLÍTICAS MONETÁRIAS NO CONSUMO DOS BRASILEIROS

DEALING THE REAL: THE REFLECTION OF MONETARY POLICIES IN BRAZILIAN CONSUMPTION

Fernando Matheus Pereira de Melo *

RESUMO

O sistema econômico é de difícil compreensão para grande parte da população. As decisões tomadas por algumas pessoas, que tem poder sobre essa área, vem afetando a vida de milhares de brasileiros, durante anos. Na perspectiva de compreender tal arranjo esse trabalho tem como objetivo identificar os fatores determinantes ou de grande contribuição para ocorrência dos fenômenos observados, a desvalorização da moeda e o aumento dos preços. Para isso realizou-se uma pesquisa bibliográfica observando as informações obtidas por análises e estudos anteriores de forma a explicar as ocorrências dos fatos descritos. Dessa forma a preocupação desse estudo foca em explicar o acontecimento de tais fenômenos. Com a observação dos resultados obtidos, conclui-se que mesmo com outros fatores de influência, como instabilidade política, a principal causa da inflação no Brasil é a expansão monetária que corrói a renda do brasileiro e alarga as desigualdades.

Palavras-chave: Moeda. Inflação. Consumo. Real.

ABSTRACT

The economic system is difficult to understand for a large part of the population. The decisions made by some people, who have power over this area, have been affecting the lives of Brazilians of Brazilians for years. In the perspective of understanding such an arrangement, this work aims to identify the determining factors or major occurrence for the occurrence of the observed phenomena, the devaluation of the currency and the increase in prices. For this, a bibliographic research was carried out observing the basic information from previous analyzes and studies in order to explain the occurrences of the revealed facts. Thus, the study's concern in explaining the occurrence of such phenomena. With the observation of the results obtained, it is concluded that even with other influencing factors, such as political instability, the main cause of information in Brazil is the monetary expansion that corrodes the Brazilian income and widens as inequalities.

Keywords: Currency. Inflation. Consumption. Real.

1 INTRODUÇÃO

Das trocas feitas por indivíduos que esperavam se beneficiar de uma transação surgiram as primeiras formas de moedas. A princípio as trocas eram feitas entre mercadorias, por exemplo, o sujeito A gostaria de abrir mão dos seus peixes por um pedaço de madeira do sujeito B, daí ambos concordam que estão se beneficiando da troca realizada. Segundo Rothbard (2013) as unidades monetárias ou a moeda surge nas trocas entre os indivíduos, como base para se precificar todas as trocas, a partir disso no caso do exemplo citado, o sujeito A aceita abrir mão dos seus peixes por X unidades monetárias e pode usar essas unidades monetárias para adquirir outros bens de sua necessidade, facilitando as relações de troca.

Partindo desse princípio, com o passar dos anos os métodos de troca foram evoluindo e a moeda passou a ser monopolizada pelos governos, tendo em vista que são os únicos emissores, gerando competição entre as moedas e tornando o sistema monetário um campo complexo e muito volátil, onde cada ação do detentor do monopólio pode gerar forte impacto no sistema financeiro e monetário. A moeda em circulação no Brasil desde o ano de 1994 é chamada de Real. O plano da equipe econômica do governo brasileiro na sua criação era estabilizar a moeda e conter a alta inflação vigente naquele período, medidas foram tomadas e implantadas para que a décima tentativa de moeda fosse a solução para uma economia estável e que novamente o brasileiro pudesse transacionar com uma moeda cujo poder de compra não se dissipa tão rapidamente no mercado.

Após completar 25 anos de sua implementação, em 2019, o Real vem sofrendo com sua rápida depreciação, além da dificuldade de um país que já teve tantas moedas em circulação transmitir confiança para se ter uma moeda forte, outros fatores como dívida externa, instabilidade política e principalmente pela expansão monetária deliberada que foi acentuada pela pandemia do COVID-19, enfraquecem a moeda fazendo com que ela não seja demandada e eleve a taxa de inflação.

De acordo com Mises (2009), a taxa de inflação é tida como o aumento na oferta monetária que resulta em uma elevação nos preços dos bens de consumo. Uma moeda que não é demandada fora do Brasil e que frequentemente é expandida, gera uma falsa sensação ou uma sensação momentânea de riqueza no consumidor com a elevação do seu consumo, porém com pouco tempo é observado um aumento nos preços que é denominado de inflação. Com o Real desvalorizado frente às moedas estrangeiras a importação de vários produtos como eletroeletrônicos e maquinários para produção industrial elevam o preço ao consumidor final. Todo esse movimento faz com que esse assunto se torne de difícil compreensão. Sendo assim, é relevante analisar esse tema e conscientizar a sociedade de uma forma mais objetiva, no que diz respeito a seu dinheiro, uma vez que a desvalorização da moeda brasileira influencia diretamente no poder de compra do consumidor.

Nesse contexto surge a seguinte questão: **Como a desvalorização do Real gera impacto na capacidade de consumo dos brasileiros?** A partir desse questionamento essa pesquisa tem como objetivo geral compreender o resultado das políticas monetárias e financeiras que geraram tal depreciação, impactando o consumo dos brasileiros.

2 A MOEDA COMO MEIO DE TROCA

Toda relação de compra e venda vai na verdade ser essencialmente uma relação de troca entre dois indivíduos. A sociedade depende das relações de troca que são indispensáveis para a vida e, sem elas, não existiria um sistema econômico (ROTHBARD, 2013). As relações de troca se modificaram ao longo do tempo e para facilitar todas essas transações surge a unidade monetária, ou moeda, inicialmente ouro e prata foram adotadas espontaneamente pelos indivíduos como meio de troca em comum.

As moedas permitiram que as transações não mais fossem limitadas a trocas simplesmente de um produto A por um produto B; esse arranjo permite agora que um produto seja trocado por unidades monetárias o que facilita as relações comerciais através das trocas indiretas.

O homem descobriu em seu infindável processo de tentativa e erro, um arranjo que permitiu que a economia crescesse de forma contínua: a troca indireta. Em uma troca indireta, você vende seu produto não em troca daquele bem que você realmente deseja, mas sim em troca de um outro bem que você, futuramente, poderá trocar pelo bem que você realmente deseja. À primeira vista parece uma operação canhestra e circular. Mas a realidade é que foi exatamente este maravilhoso arranjo o que permitiu o desenvolvimento da civilização (ROTHBARD, 2013, p. 15).

Por volta de 700 a.C., os chineses substituíram as moedas de metal que eram utilizadas na época por papel moeda, a ideia de papel moeda só foi implantada no ocidente em 1661 por um banco sueco e após sete anos foi criado o primeiro banco central do mundo no mesmo país (PELLINI, 2019). Este processo se consolida durante anos, como o melhor meio de se transacionar, de forma livre e voluntária e, em 1816, na Inglaterra, surge a ideia de uma moeda lastreada, onde a impressão de papel moeda era vinculada a quantidade de ouro que existia no país. Esse processo abriu as portas para que o Estado tomasse o controle da moeda que agora deixa de ser livre.

2.1 Monopólio estatal da moeda

Com o estado como controlador da moeda circulante, as portas ficaram abertas para o intervencionismo estatal. Segundo Pellini (2019), após o decreto do Presidente norte americano Franklin D. Roosevelt em 1933, em que todo o ouro existente no país deveria ser entregue ao Banco Central (FED), não permitindo que o dólar fosse convertido em ouro. E décadas depois após outro Presidente norte- americano, Richard Nixon no ano de 1971, colocar fim ao acordo de Bretton Woods, que previa que todas as operações de câmbio internacionais fossem indexadas ao Dólar e este por sua vez era atrelado ao ouro. Agora todo sistema monetário estava ligado apenas na confiança.

Uma vez sob o poder do governo, agora a moeda vai representar no seu valor de troca o nível de confiança que o estado tem no mercado refletido por sua política fiscal, econômica e monetária. De acordo com Roque (2019, n.p.), “O governo está no completo controle da moeda. Sendo a moeda um monopólio do governo, a *qualidade* da moeda será diretamente proporcional à qualidade do governo que a gerencia.”

Esse novo arranjo gerou um ambiente mundial de guerras cambiais onde as moedas competem entre si por demanda internacional. Se uma moeda está perdendo valor em relação a outras unidades monetárias isso significa que a moeda nacional não está sendo demandada, dessa forma existem outras que são consideradas melhores para o mercado (FONSECA, 2020).

Nesse contexto a moeda brasileira se mostra deficiente, o Brasil está em sua décima tentativa de moeda, a guerra cambial e principalmente as estratégias adotadas pelas equipes econômicas mostram resultados não animadores para a sociedade que sente no bolso o resultado das políticas inflacionárias adotadas por seus governantes.

2.2 Real, a moeda Brasileira

O Real foi implantado no Brasil em 1994, segundo Pellini (2019) o plano da nova moeda trouxe uma estabilidade econômica e colocou fim a um período de hiperinflação. Porém, em 2019 após 25 anos verificou-se uma desvalorização de 83% do seu valor. Indicador que pode ser verificado a partir de dados do próprio governo através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE no seu índice de Preços ao Consumidor Amplo IPCA.

Conforme Roque (2015, n.p.) “A melhor maneira de aferir a saúde de uma moeda é analisando a evolução de sua taxa de câmbio em relação às outras moedas do mundo”. Com o Real se verifica uma constante desvalorização cambial ao longo desses anos. Os gastos governamentais brasileiros que chegaram a 45% do PIB em 2019 têm forte impacto nessa depreciação (GELLER, 2020).

Para Mises (2009), quanto maior a quantidade de moeda em circulação, menor é a capacidade desse dinheiro adquirir bens, dessa maneira sempre que o governo imprime papel-moeda causa uma progressiva perda de poder de compra e um aumento nos preços. Isso se chama inflação. Segundo Geller (2020) de junho de 2019 a junho de 2020 o Brasil aumentou em 40% a quantidade de dinheiro em poder do público, via impressão monetária.

A atual inflação verificada no Brasil, que tem como consequência a alta nos preços, não é culpa dos empresários, produtores ou varejistas, mas única e exclusivamente dos governos brasileiros que adotaram políticas monetárias inflacionárias (BELTRÃO, 2020). Dois motivos evidentes para esse cenário são: A forte desvalorização do Real perante o Dólar, que encarece as importações e estimula exportação, principalmente de alimentos, o que torna a oferta interna menor e mais cara. E a forte criação de moeda do governo como forma de combater os efeitos econômicos da pandemia do COVID-19. As consequências desse fenômeno refletem diretamente no consumidor brasileiro.

2.3 Consequências da inflação ao consumidor brasileiro

De acordo com Roque (2015, n.p.) “A desvalorização cambial é um fenômeno que gera carestia generalizada em praticamente *todos os bens e serviços do mercado interno*, pois ela gera um efeito em cascata”. Em uma economia emergente como a brasileira vários bens de consumo são importados ou necessitam de meios de produção que venham de fora, e uma moeda mais fraca perante as internacionais encarece o produto final.

No Brasil verificou-se um grande aumento na base monetária desde 94, como consequência, verifica-se também um aumento nos preços. Já que mais dinheiro foi injetado na economia, as pessoas passaram a consumir mais ao passo que os bens e serviços não foram produzidos na mesma proporção (ROQUE, 2017). Conforme Mises (2009) uma vez que a oferta de bens e serviços permanece inalterada, mas a quantidade de papel-moeda aumenta em poder do público, a demanda consequentemente aumentará forçando uma subida nos preços. De acordo com o Banco Central através da calculadora do cidadão pode-se verificar no IPCA (Índice de Preços Amplo ao Consumidor) que no período de 1994 a 2019 os preços subiram 509,39%.

Para Marquart (2015), o dinheiro que é injetado pelo Banco Central na economia, chega primeiro a alguns indivíduos os beneficiando em detrimento de outros. Observando-se que esses primeiros indivíduos se beneficiam de uma renda maior vão as compras, aumentando a demanda, ao passo que a oferta de bens continua a mesma, fazendo com que os preços aumentem.

Conforme Rothbard (2013), à medida que o dinheiro vai perpassando toda a economia e elevando os preços, as pessoas que estão nas classes ou áreas mais remotas da sociedade são as últimas a terem acesso a esse dinheiro e terão que lidar com o aumento de preços sem que sua renda tenha aumentado.

Essas pessoas se veem numa situação desfavorável. Antes de terem acesso ao dinheiro adicional, são obrigadas a pagar preços mais altos que os anteriores por algumas mercadorias que desejam adquirir (ou praticamente todas), ao passo que sua renda permanece a mesma, ou não aumenta na mesma proporção dos preços (MISES, 2009, P.65).

A moeda inflacionada é injetada na economia pelo Banco Central, através dos bancos em forma de crédito, ou seja, empréstimos disponíveis nessas instituições financeiras. Conforme Marquart (2015), esse arranjo econômico favorece os mais ricos que tem mais acesso ao crédito, essas pessoas fazem investimentos com esse novo dinheiro disponível, em imóveis por exemplo, quando os preços sobem essas pessoas já obtido seu lucro ao passo que pessoas de menor faixa de renda não tem o mesmo acesso a esse crédito, isso acaba tornando as diferenças sociais cada vez maiores.

A política econômica brasileira gera um grande malefício para o consumidor brasileiro, a desvalorização do Real, resulta em uma carestia generalizada, subindo o preço dos alimentos, dos remédios que em grande parte são importados, do petróleo que é cotado em dólar e reflete que nos custos das passagens de ônibus (ROQUE, 2015).

Uma moeda que não apresenta estabilidade, gera uma desconfiança do mercado, que não consegue observar um bom cenário para investimentos, que venham a trazer empregos para uma sociedade. Para Fonseca (2020) é imprescindível uma moeda forte para atrair capital estrangeiro e consequentemente geração de empregos e crescimento econômico.

De acordo com Pellini (2019) o governo tem no controle monopolista da moeda uma forma de criar cenários econômicos artificiais, e de forma coercitiva manter o controle social. O crescimento econômico e a geração de riqueza se dá a longo prazo e sob uma alta na oferta que eleva o padrão de vida das pessoas, e não como comumente é difundido, que o crescimento econômico deve ser estimulado pelo estado através das suas políticas econômicas, monetárias e fiscais (IORIO, 1997).

Para combater a inflação é necessário identificar seu verdadeiro causador, que é o aumento na oferta monetária. A alta nos preços é apenas um resultado dessa prática. É preciso compreender bem essa dinâmica para se poder combater com eficiência esse fenômeno que corrói o poder de compra do consumidor, aumenta as desigualdades e mantém um povo refém dos desmandos dos governos.

3 METODOLOGIA

O método de pesquisa adotado para este artigo foi a pesquisa bibliográfica, que para Macedo (1996) é o início de qualquer trabalho de pesquisa, no qual envolve vários tipos de procedimentos metodológicos tais como: obter documentos pertinentes ao assunto; elaborar um esquema de temas e subtemas; fichamento dos dados; iniciar a redação subsidiada pelas fichas preparadas. Para complementar. Pesquisas científicas, que têm como base única a pesquisa bibliográfica, necessitam do cuidado para que não se transforme apenas em um resumo, mas que o pesquisador observe cuidadosamente os documentos de forma a não comprometer os dados da pesquisa (FONSECA, 2002).

Quanto ao objetivo, a pesquisa é de natureza explicativa. Conforme Gil (2002) a pesquisa explicativa tem como objetivo identificar os fatores determinantes ou de grande contribuição para ocorrência dos fenômenos. Observando os dados obtidos por pesquisas anteriores de forma a explicar a ocorrências dos fenômenos descritos. Dessa forma a preocupação do estudo foca identificar a ocorrência de tais fenômenos.

De abordagem qualitativa. Para Gil (2002), a análise qualitativa é menos formal, pois envolve a interpretação dos dados obtidos através da pesquisa e a redação do relatório. A pesquisa qualitativa não tem foco principal na representatividade numérica, mas sim, na compreensão que um determinado grupo tem sobre seu ponto de vista (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A coleta das informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa foi dada através da leitura do material e fichamento dos trechos pertinentes ao tema da pesquisa, que conforme Gil (2002) compreendem algumas das etapas da pesquisa bibliográfica.

Desse modo foi feita a análise da bibliografia disponível, em um primeiro momento verificando as definições de inflação e o que esse fenômeno pode causar na economia, posteriormente através do mesmo método foi analisado a percepção dos autores sobre as ocorrências apresentadas durante o período de vigência do Real como sua desvalorização e aumento dos preços. Em uma abordagem que de forma qualitativa visa explicar de que forma ocorrem e são percebidos os fatos citados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme exposto anteriormente, observa-se que a política monetária brasileira, se mostra, nos vinte e cinco anos de Real, como sendo claramente expansiva. Emitindo moeda e injetado dentro do mercado, principalmente com foco no combate as resseções causadas pelos ciclos econômicos, visando o crescimento da economia.

Essa manipulação do mercado se dá através do monopólio que o estado tem sobre a oferta de moeda, que é imposta pelo estado, e por outros fatores como a política fiscal. As decisões tomadas nesse campo geram consequências no mercado, afetando diretamente o consumidor, que pouco sabe o que gera a baixa capacidade de consumo do seu dinheiro.

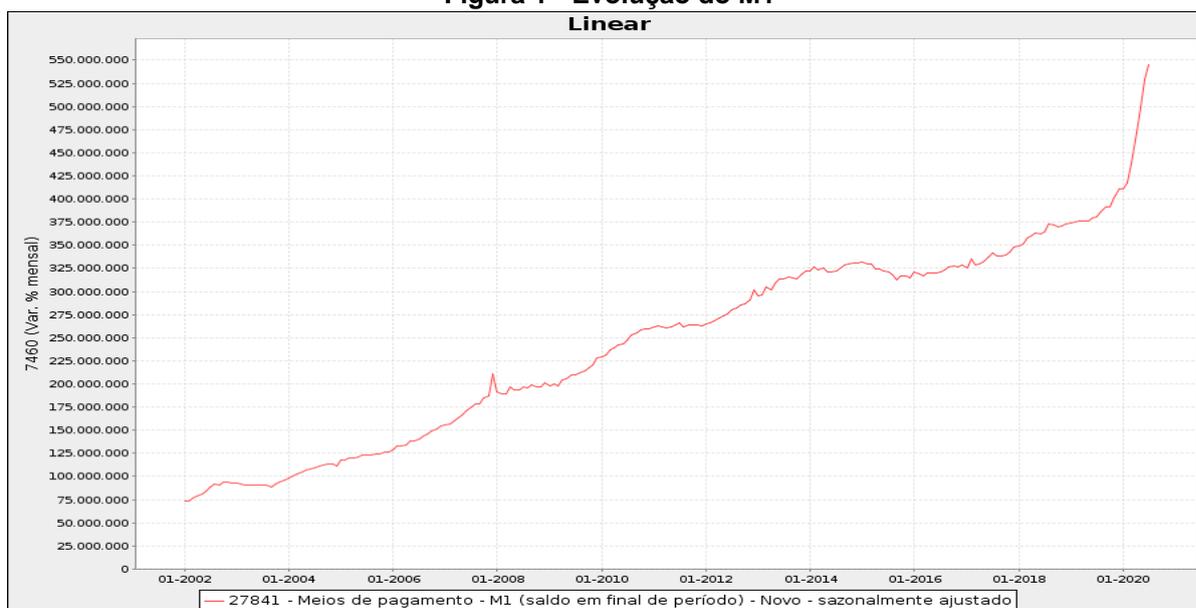
É relevante observar, que a pandemia do COVID-19 fez com que fosse necessário a emissão de moeda, mas o histórico de expansão monetária é evidente e as consequências dessa política tendem a se agravar mais rapidamente.

4.1 Expansão monetária

A maior oferta de dinheiro no mercado, conseqüentemente faz com que a demanda por produtos e serviços aumentem. Em casos de recessão econômica e incertezas, essa é a principal política adotada no Brasil, com objetivo de estimular o consumo, injeta-se crédito no mercado, na forma de crédito bancário ou programas sociais.

Essa prática pode ser observada na figura 1 onde mostra a evolução do M1 (papel-moeda em poder do público mais os saldos em conta corrente). Atente-se para os anos de 2008 crise financeira mundial, 2010 eleição presidencial, 2012 a 2014 instabilidade política e 2020 o crescimento brutal devido o combate as consequências do Corona vírus.

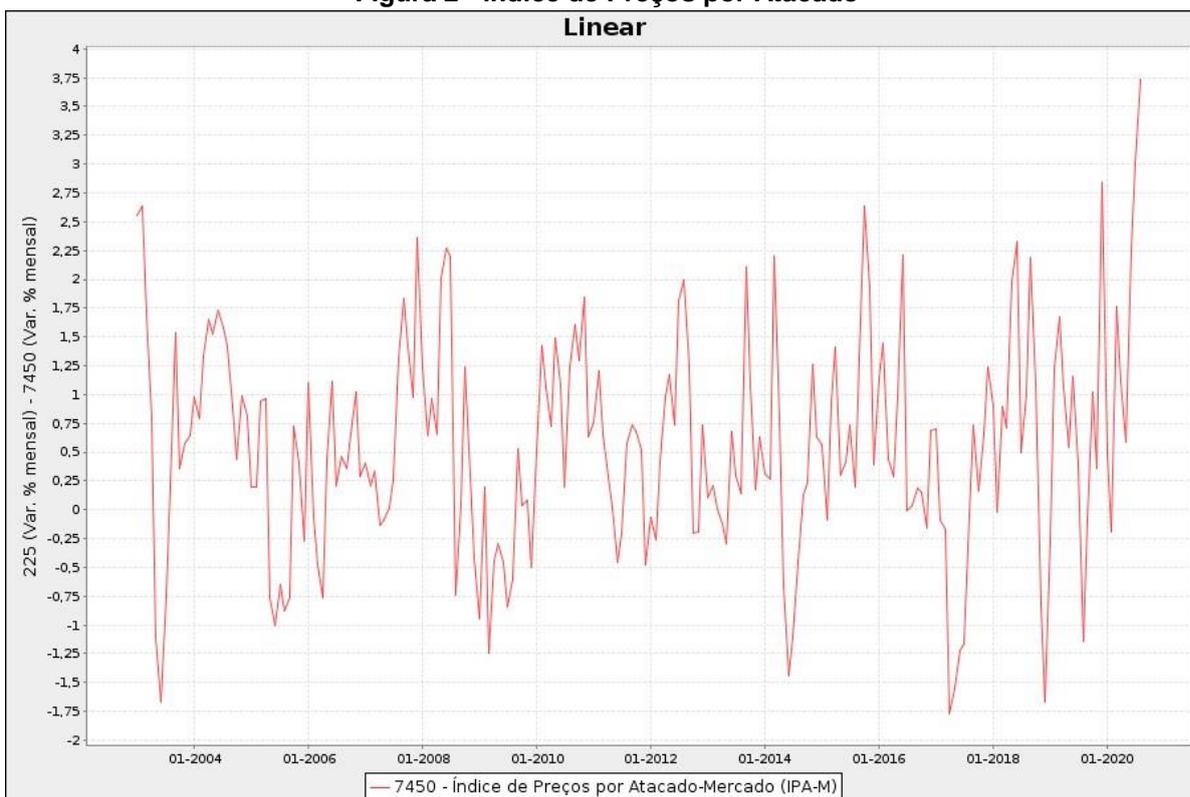
Figura 1 - Evolução do M1



Fonte: Instituto Ludwig von Mises (2020)

Conforme Geller (2020) a criação de dinheiro pode apenas fazer com que os preços dos bens e serviços subam no longo prazo, pois criar moeda não tem a capacidade de fazer com que surjam mais produtos na economia.

Figura 2 - Índice de Preços por Atacado



Fonte: Instituto Ludwig von Mises (2020)

Acima na figura 2 é observado que, existem picos de variação nos mesmos anos mencionados anteriormente.

4.2 Efeitos da inflação

A oferta de dinheiro se assemelha a disponibilidade de um produto, quanto mais abundante a oferta menor seu valor. Esse princípio observa-se também a moeda, sua alta disponibilidade faz com seu valor seja depreciado. A desvalorização do Real frente a moedas estrangeiras favorece a exportação e encarece as importações. Esse arranjo se reflete nos preços. A injeção de crédito em uma economia, com baixa oferta de produtos, faz com que os preços desses itens que são escassos subam devido a demanda impulsionada por esse novo crédito disponível.

De acordo com Rothbard (2013, p.48) “esse dinheiro novo vai percorrendo pouco a pouco, todo o sistema econômico. À medida que ele vai se espalhando pela economia, os preços vão aumentando”. Pode-se ver o retrato dessa situação na figura 3. O que um Real (R\$1,00) comprava em 1994, em valores corrigidos para hoje, seria necessário desembolsar seis Reais e trinta e sete centavos (R\$6,37) um aumento de 537%. A sensação de que os preços só sobem se concretiza na figura 3.

Figura 3 - Correção pelo IPCA-E (IBGE)

Resultado da Correção pelo IPCA-E (IBGE)

Dados básicos da correção pelo IPCA-E (IBGE)	
Dados informados	
Data inicial	07/1994
Data final	07/2020
Valor nominal	R\$ 1,00 (REAL)
Dados calculados	
Índice de correção no período	6,37107990
Valor percentual correspondente	537,107990 %
Valor corrigido na data final	R\$ 6,37 (REAL)

Fonte: Banco Central do Brasil – Calculadora do Cidadão (2020)

Esse é um processo que também aumenta a desigualdade econômica. Analisando essa dinâmica, percebe-se que apenas alguns grupos se beneficiam, desse novo dinheiro disponível, tendo em vista que aqueles que tem acesso primário ainda não são afetados pelo aumento dos preços, causados pela nova demanda, podendo assim adquirir os bens de consumo desejados primeiro, aumentando seu bem estar. Os demais participantes da economia, ou seja, os assalariados que não recebem auxílios do governo, são os últimos desse ciclo a ter sua renda aumentada, e quando isso ocorre os preços já subiram, e esse aumento não é capaz de fazer com que ele tenha uma capacidade de consumo maior.

O cenário econômico e social vivenciado no Brasil é resultado das políticas adotadas por seus governos, o monopólio da moeda, os índices de inflação, são manipulados por governos através das suas ações. Esse modelo organizacional divide a sociedade e cria desigualdades que o próprio causador se diz o único capaz de resolver. Criando novos programas de combate ao aumento dos preços, de redução das desigualdades, sempre fazendo com que se justifique sua existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado no início do artigo, o objetivo desta pesquisa foi compreender como as políticas monetárias e financeiras geram desvalorização da moeda vigente no Brasil impactando a capacidade de consumo dos brasileiros, o qual foi atingido pelo estudo realizado seguindo o que havia sido traçado.

Conforme tratado no decorrer do trabalho, observa-se que a desvalorização do real e o aumento dos preços, são frutos basicamente de uma estratégia recorrente nos governos brasileiros desde a criação do Real. A contínua expansão monetária observada nesse período, resulta em uma grande desvalorização do câmbio, perda do poder de compra da moeda e aumento significativo dos preços ao consumidor amplo.

As consequências desse tipo de arranjo foram expressadas por autores como Mises (2009) e Rothbard (2013), que antes mesmo desse período já apontavam as consequências, do monopólio estatal e da expansão monetária. E atribuíram a essa prática como sendo a verdadeira causa da inflação.

O termo inflação assola os brasileiros ano após ano. Os resultados desta pesquisa mostram que quando há uma forte injeção de crédito no mercado, os preços tendem a subir, gerando uma perda na capacidade de compra principalmente aqueles que não tem acesso direto ou são beneficiados posteriormente a essa elevação. Com base nesta análise, é importante ressaltar que o brasileiro deve ficar cada vez mais atento ao que o Governo faz com o seu dinheiro.

É relevante destacar que, não se tem muitos autores que abordam o assunto a partir deste ponto de vista, por mais que seja um tema pertinente. Então, fica sugerido para futuros estudos, o aprofundamento no tema analisando a percepção da sociedade quanto aos fatores de influência nos preços ao consumidor. Assim como também verificar se os consumidores estão atentos para as ações econômicas adotadas no Brasil bem como sua política monetária.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, H. **A cédula de R\$ 200 não é o problema; a inflação é**, 2020.

Disponível em: <<https://www.mises.org.br/ArticlePrint.aspx?id=3279>>. Acesso em: 11 de setembro de 2020.

BANCO CENTAL DO BRASIL. **Calculadora do cidadão**, 2020. Disponível em:

<<https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAO/publico/corrigirPorIndice.do?method=corrigirPorIndice>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020

FONSECA, J. J. **Metodologia da pesquisa científica**. Universidade Estadual do Ceará, 2002.

FONSECA, T. **O investimento estrangeiro só virá quando a moeda for estável – historicamente, não é o nosso caso**, 2020. Disponível em:

<<https://www.mises.org.br/article/3052/o-investimento-estrangeiro-so-vira-quando-a-moeda-for-estavel--historicamente-nao-e-o-nosso-caso>>. Acesso em: 02 de junho de 2020.

GELLER, A. P. **Nosso pesadelo fiscal e monetário não tem fim - e agora em forma de bomba-relógio**, 2020. Disponível em:

<<https://www.mises.org.br/ArticlePrint.aspx?id=3284>>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACEDO, N. D. **Iniciação a pesquisa bibliográfica**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Marquart, A. **O estado gera as desigualdades sociais que ele próprio alega ser o único capaz de resolver**, 2015. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/ArticlePrint.aspx?id=1769>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

MISES, L. **As Seis Lições**. 7. ed. São Paulo: Ludwig von Mises Brasil, 2009.

PELLINI, R. **O futuro do dinheiro**. 2. ed. São Paulo: Editora Gente, 2019.

ROQUE, L. **A impiedosa destruição do Real**, 2015. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2018>>. Acesso em: 10 de julho de 2020.

ROQUE, L. **Uma radiografia da destruição do Real - ou: não há economia forte com uma moeda doente**, 2015. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/article/2055/uma-radiografia-da-destruicao-do-real--ou-nao-ha-economia-forte-com-uma-moeda-doente>>. Acesso em: 3 de agosto de 2020.

ROQUE, L. **Os 25 anos do real: os preços regulados pelo governo subiram muito mais que os preços de mercado**, 2019. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/article/3207/os-25-anos-do-real-os-precos-regulados-pelo-governo-subiram-muito-mais-que-os-precos-de-mercado>>. Acesso em: 2 de junho de 2020

ROTHBARD, M. N. **O que o governo fez com nosso dinheiro?** 1. ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2013.

AGRADECIMENTOS

À Deus, primeiramente, por sua infinita graça e misericórdia em minha vida.

À professora/orientadora Kaline Di Pace Nunes por sua orientação e paciência no decorrer desse trabalho.

Aos meus pais, Sérgio Murilo e Jacilene, pela dedicação para a minha educação.

À minha noiva, Dayanne Sonaly, pelo apoio e dedicação ao longo desses anos.

Agradeço.